

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CAMPUS SÃO BERNARDO**  
**LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**DEILIANE VANESSA DA SILVA**

**O CONCEITO DE VIRTUDE EM SANTO AGOSTINHO**

**SÃO BERNARDO**

**2022**

DEILIANE VANESSA DA SILVA

## **O CONCEITO DE VIRTUDE EM SÃO AGOSTINHO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Dr. Wandelson Silva de Miranda

SÃO BERNARDO – MA  
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Vanessa da Silva, Deiliane.

O conceito de virtude em Santo Agostinho / Deiliane  
Vanessa da Silva. - 2022.  
38 p.

Orientador(a): Wandelson Silva de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo  
- ma, 2022.

1. Livre-arbítrio. 2. Patrística. 3. Santo  
Agostinho. 4. Virtudes. I. Silva de Miranda, Wandelson.  
II. Título.

**DEILIANE VANESSA DA SILVA**

**O CONCEITO DE VIRTUDE EM SÃO AGOSTINHO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF. DR. WANDEILSON SILVA DE MIRANDA (ORIENTADOR)**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

---

**PROF. DR. TEDSON MAYCKELL BRAGA TEIXEIRA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

---

**PROF. DR. ALINA SILVA SOUSA DE MIRANDA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Dedico este trabalho aos meus pais, Bernardo da Silva e Dilsa Maria da Silva, a todos os meus irmãos e especialmente a meu querido e amado irmão, Airton José da Silva (*In Memoriam*), de que apesar de ter ido tão cedo junto de Deus, ensinou-me o sentido de viver na humildade e no amor.

## AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a graça da fé e compreensão das coisas do alto, agradeço a Santo Agostinho por me deparar com suas obras tão edificantes, porque sem ele seria impossível realizar tal trabalho. Agradeço aos meus pais Bernardo da Silva e Dilsa Maria da Silva, a todos os meus irmãos, e especialmente ao meu querido e amado irmão, Airton José da Silva (*In Memoriam*) que nos deixou recentemente e que ainda nos dói sua partida. Ele que buscava as coisas simples da vida e era feliz com tão pouco, obrigada por tudo irmão, te amo infinitamente.

Agradeço também ao nosso quarteto de amigas; Marielle, Leticia e Poliana que sem elas não teria conseguido sozinha a percorrer este caminho novo, porém árduo; onde estiveram comigo desde o início até agora, da UFMA para vida, obrigada meninas. Agradeço ao Luciano Brandão que me ajudou nesta trajetória também, e ao meu querido José Ribeiro.

Agradeço também ao meu orientador Wandelson Silva de Miranda por sua extrema competência e dedicação durante o processo de orientações deste trabalho. Sinto-me privilegiada por ter sido orientada por este grande homem que navega entre o simples e sofisticado com tanta maestria. Também agradeço aos professores Tedson Braga e Alina Sousa de Miranda, que por sua competência profissional sempre foram, para mim, um exemplo a ser seguido.

Acima de tudo, sou grata pela vida, pelas oportunidades que adquiri nesta caminhada, onde tudo procede de Deus, as graças necessárias que Ele me deu para que eu possa a cada dia ser uma pessoa melhor.

## RESUMO

Esta pesquisa é voltada na vida e obra de Santo Agostinho, na qual abordei alguns movimentos da Patrística onde Santo Agostinho foi inserido como um dos mais importantes nomes desse movimento da Igreja por volta do século II. De um homem voltado as busca dos prazeres, porém necessitado dá verdade, onde foi buscar na filosofia neoplatônica a forma de preencher sua alma, porém não a encontra. No entanto, se converte ao cristianismo e a partir daí encontra o que sempre procurava que era a verdade. Depois começa a escrever obras que será fundamental para a organização do magistério da Igreja e da própria filosofia ocidental, onde nas grandes obras de Santo Agostinho sua influência maior será Platão. De um professor de retórica que dava aulas para a nobreza em Milão, anos mais tarde já convertido e de idade avançada torna-se bispo de Hipona que trabalhava em prol da conversão das almas na África. Tonando-se doutor da Igreja posteriormente.

**Palavras-Chaves:** Santo Agostinho. Patrística. Virtudes. Livre-arbítrio.

## ABSTRACT

This research is focused on the life and work of Saint Augustine, in which I approached some movements of the Patristics where Saint Augustine was inserted as one of the most important names of this movement of the Church around the second century. Of a man dedicated to the pursuit of pleasures, but in need of the truth, where he sought in Neoplatonic philosophy the way to fill his soul, but he did not find it. However, he converts to Christianity and from there he finds what he was always looking for, which was the truth. Then he began to write works that would be fundamental for the organization of the teaching of the Church and Western philosophy itself, where in the great works of St. Augustine his greatest influence would be Plato. From a professor of rhetoric who gave classes to the nobility in Milan, years later, already converted and of advanced age, he became the bishop of Hippo who worked for the conversion of souls in Africa. Later becoming a Doctor of the Church.

Keywords: Saint Augustine. patristic. virtues. Free will



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 - ELEMENTOS DA PATRÍSTICA</b> .....	12
1.1 PADRES LATINOS.....	18
1.2 <b>Santo Agostinho</b> .....	19
1.3 Suas obras.....	21
<b>2 - O CONCEITO DE VIRTUDE EM SANTO AGOSTINHO</b> .....	23
2.1 PARA SANTO AGOSTINHO A BUSCA DA VERDADE CONDUZ À FELICIDADE.....	27
<b>3 - O PROBLEMA DO MAL NO LIVRE-ARBÍTRIO E A VIRTUDE</b> .....	31
<b>CONCLUSÃO</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

Santo Agostinho foi um grande homem para todos os tempos, suas ideias são estudadas até hoje, grande orador, buscava a verdade na Retórica, mas quando se depara com *Hortênsio* livro que fora escrito por seu grande mestre Cícero.<sup>1</sup> Obra essa que tanto Agostinho reverenciava como divisor de águas para sua busca pela verdade na filosofia. Com isso, Agostinho passa a estudar primeiramente a filosofia Platônica, procurou a verdade na filosofia neoplatônica, sendo que o vazio dentro de si nunca era preenchido na busca do Ser. No entanto, ingressou na seita maniqueísta onde a princípio seus escritos traziam-lhe algum conforto, ao mesmo tempo rejeitava a religião cristã por achar irracional, mas tudo muda quando Agostinho tem um encontro com o chefe maior dos Maniqueus, Fasto. Agostinho tenta tirar as dúvidas que tanto lhe afligia, mas Fasto não o consegue esclarecer tais dúvidas, e Agostinho tem-se por desiludido e começa a ler a *Bíblia* por conta própria, no entanto tem dificuldade em interpretar as escrituras sagradas do Antigo Testamento, a partir daí começa a ouvir as pregações do bispo Ambrósio em seus sermões, e este lhe ajuda a interpretar de forma correta as escrituras e finalmente Agostinho encontra o que tanto procurava na filosofia cristã, ou seja, a verdade que tanto ansiava. Com as orações de sua mãe Santa Mônica, Santo Agostinho se converteu ao Cristianismo e assim, dá-se início ao movimento chamando Patrística ou “Pais da Igreja”. Tal movimento elevou a Igreja Católica a um patamar muito mais elevado em questões de filosofia e moral.

Esse movimento que foi por volta do século II, com a morte do último padre da Igreja latina, Isidoro de Sevilha, e se estende até o século VIII, com a morte de São João Damasceno último padre grego, deu à filosofia momentos surpreendentes, mostrando essa relação entre fé e a razão. Minha pesquisa desse primeiro capítulo basicamente terá como referência a obra *Filosofia da História* de Giovanni Reale e Dario Antiseri que insere a Patrística e um pouco da história de Santo Agostinho.

Santo Agostinho, em seus escritos mostra a todo instante a relação entre a alma e Deus, como a alma pode se unir a Deus por meio de suas virtudes, ou se afastar dele pelos vícios. Por isso me encanta poder conhecer suas obras, em *Confissões* ele mostra a miséria da alma quando se está longe de Deus, mostra como era antes de se converter ao Catolicismo, onde regressou ao maniqueísmo, vivendo uma vida dissoluta, ganhava

---

<sup>1</sup> Essa obra se perdeu ao longo do tempo e o que se sabe dela é devido aos comentários do próprio Santo Agostinho.

dinheiro como professor de retórica em Milão. Com ajuda dos Maniqueus, seita que passara muitos anos de sua vida. Porém, ao se converter, travará um grande embate contra a seita maniqueísta.

Trabalhar as virtudes nas obras de Santo Agostinho, obras essas que foram seus primeiros escritos depois de sua conversão. Tais obras; *Uma Vida Feliz*, *Solilóquios* e *Contra os Acadêmicos*, que vai tratar o início do pensamento de Santo Agostinho. Minha escolha pelo tema vai para além do pessoal e me motiva a adentrar esse caminho percorrido por Santo Agostinho na filosofia. No qual o aumento das virtudes e o conhecimento delas faz com que essa aproximação entre a alma e Deus se intensifique cada vez mais. Santo Agostinho não foi só importante para seu tempo, ele é importante até hoje, não só para Igreja como para todos aqueles que queiram conhecer a verdade através da sua filosofia.

Adentrando o segundo capítulo, irei abordar como ser feliz praticando as virtudes para assim, encontrar a Deus. Utilizarei o livro *Uma Vida Feliz*, e *Contra os Acadêmicos*, onde Santo Agostinho em forma de diálogo vai mostrar os meios para obter uma vida feliz. Como já citado mais acima esses dois livros foram seus primeiros escritos depois de sua conversão ao cristianismo. Quando muitos acreditam que a felicidade está nos bens materiais, Santo Agostinho vai dizer que a felicidade não se encontra nos bens criados, ou seja, ela não está contida na natureza. Só a posse de Deus poderá dar ao homem uma vida feliz.

O terceiro capítulo, vai abordar sobre o problema do mal no livre-arbítrio. Qual a relação do mal no mundo pela liberdade humana dada por Deus e quais são seus reais motivos pelo qual o homem comete o pecado. Santo Agostinho em forma de diálogo com seu amigo Evódio vai discorrer sobre o livre-arbítrio, onde só por meio dele o homem pode amar a Deus verdadeiramente com a sua total liberdade. Ou seguir o lado de não o amar cometendo os vícios dado a sua liberdade. Por isso, é tão importante estudar a causa de tudo isso que é o livre-arbítrio. O livro se intitula *Sobre o livre-arbítrio*. Escrito esse que também é uma de suas primeiras obras após sua conversão. Em síntese, será isso que irei abordar neste trabalho: a vida de Santo Agostinho inserida na Patrística, seus escritos sobre as virtudes e por fim sobre o problema do mal no livre-arbítrio.

## 1. ELEMENTOS DA PATRÍSTICA

A Patrística foi um movimento filosófico que se deu seu início no ano 40 do século II, e teve seu fim no século VIII. Na qual receberam e transmitiram os ensinamentos da Igreja, elucidaram dogmas e combateram heregias que iam contra a fé ensinada pela Igreja. A patrística se inicia com os padres apostólicos no Ocidente e vai até o último padre latino Isidoro de Sevilha (560-635). No Oriente se entende um pouco mais indo até a morte de São João Damasceno (675-750), considerado o último padre grego da era patrística.

É notável e de suma importância o estudo da Patrística, onde resgatou escritos antigos, escritos gregos vistos agora de uma nova perspectiva pela religião cristã. Visto que esse movimento se inicia quando termina a revelação descrita na bíblia, ou seja, os primeiros padres ditos apostólicos foram discípulos dos Apóstolos de Cristo. São conhecidos quatro padres apostólicos, são eles: São Pápias de Hierápolis, São Policarpo de Esmirna, São Clemente Romano que foi o quarto papa e Santo Inácio de Antioquia. Essa foi a primeira geração dos padres da Igreja.

Posteriormente muitos dos padres começando por Orígenes, Clemente e outros, resgataram obras gregas como a de Platão, dos neoplatônicos, o próprio Santo Agostinho vai trazer muito da filosofia neoplatônica para o cristianismo, a questão pela qual a alma está presa ao corpo, tendo em vista seus vícios que seriam totalmente aniquilados. Mas com o amadurecer de seu pensamento Agostinho tem outra visão diferente de alma dos neoplatônicos.

Os padres da Igreja ou pais da Igreja vão dar início a esse movimento filosófico trazendo aspecto novo, é de suma importância frisar que alguns desses personagens, não eram considerados doutores em apologética,<sup>2</sup> eram leigos na sua minoria, mas que tiveram papel importante junto com a grande maioria que eram bispos, assim, contribuíram com seus escritos para doutrina cristã<sup>3</sup>. Começando por Justino Mártir, que

---

<sup>2</sup> Pensamento que afirma ser a fé comprovada pela razão. Grande apologética considerado pela Igreja foi Santo Tomás de Aquino. (Santo Tomás já trabalha Aristóteles). Que afirma que podem-se conhecer a Deus pela fé e pela razão, ou melhor existe elementos que comprove tal fator.

<sup>3</sup> Justino foi o primeiro platônico cristão e o mais importante dos apologetas. Retomou de Fédon a Doutrina do Logos, que identificou com Cristo: nos homens estão presentes “sementes” do Logos, graças às quais cada homem pode conhecer parte da verdade. Concedeu a alma humana como mortal por natureza, porque tudo o que vem depois de Deus, enquanto gerado, é corruptível. (REALE, 2005, p.39)

nasceu em Flávia Neápolis, na Palestina, era entusiasta na busca da verdade, em seus escrito fala ele.

Eu sou cristão, glorio-me disso e, confesso, desejo fazer-me reconhecer como tal. A doutrina de Platão não é incompatível com a de Cristo, mas não se casa perfeitamente com ela, não mais do que a dos outros, dos estoicos, dos poetas e dos escritores. *Cada um destes viu, do Verbo divino que estava disseminado pelo mundo, aquilo que estava em relação com a natureza, chegando desse modo a expressar um verdade parcial.* Mas, à medida que se contradizem nos pontos fundamentais, mostram que não estão de posse de um ciência infalível e de um conhecimento irrefutável. *Tudo aquilo que ensinaram com veracidade pertence a nós, cristãos.* Com efeito, depois de Deus nós adoramos e amamos o Logos nascido de Deus, eterno e infalível, porque ele se fez homem por nós, para curar-nos dos nossos males, tomando os sobre si. *Os escritores puderam ver a verdade de modo obscuro, graças à semente do Logos que neles foi depositada.* Mas uma coisa é possuir uma semente e uma semelhança proporcional às próprias faculdades e outra é o próprio Logos, cuja participação e imitação deriva das graças que dele provem (JUSTINO *apud* REALE, 2005, p.39-40).

Justino, na doutrina da alma, vai elencar questões como da alma que é corruptível devido a sua natureza de que advém do pecado original. Sendo assim, ele tem por base a doutrina de *Fédon*, doutrina essa que conhece bastante, mas ele faz uma crítica a essa, em que precisava ser “reformada estruturalmente” descreve ele “tudo que o existe fora de Deus [...] é por sua natureza corruptível, pode desaparecer e não mais existir. Apenas Deus não é gerado e incorruptível, é justamente por isso que é Deus, ao passo que tudo o que vem depois dele é gerado e corruptível” (JUSTINO *apud* REALE, 2005, p. 40), conseqüentemente fora dele tudo se torna mortal e corruptível.

Tanto em Platão, como em Justino, ambos acreditam que a alma vive, e tem vida, só que ela tem vida não por conta própria, quem dá vida a alma é algo que está fora dela, pois esta não tem vida em si. Portanto, quem dá vida à alma é Deus, onde é coberto de incorruptibilidade e imortalidade. “Assim a alma cessará de existir, o espírito de vida separa-se dela: a alma já não existe e retorna ao lugar de onde veio” (JUSTINO *apud* REALI, 2005, p.40).<sup>4</sup> Justino morreu decapitado pelo prefeito de Roma em 165, professando a fé em Cristo.

---

<sup>4</sup> A partir do momento que a alma deixa o corpo, esta receberá conforme o que tivera feito de bom ou mal na Terra. Ou seja, não voltará a princípio de onde veio antes, pois o destino da alma é referente as suas obras feitas em vida, sendo que existe dois destino para alma; um é a glória de ir pro céu, a outra de ser condenado ao fogo do inferno. Isso é de fé Católica.

Outros autores Apologetas do século II, que tiveram certa importância, foram eles: Taciano, o Assírio, Atenagora de Atenas, Teófilo de Antioquia e o escritor anônimo da carta a Diogneto. Taciano foi discípulo de Justino, por quem foi convertido à fé cristã. Diferente de seu mestre, em seu discurso sobre os *Gregos*, manifesta uma ferrenha aversão a filosofia e a cultura grega, gloriava-se de ter encontrado a verdade e a salvação, na *Bíblia*, escritos esses que era considerado pelos gregos de bárbaros. Mas foi nesses “escritos bárbaros” que Justino e tantos outros, encontraram a verdade que tanto procuravam.

Ele fala que tanto a alma como as coisas criadas não são eternas devido a sua natureza em si. “A alma não é por sua natureza. Ela é ressuscitada por Deus justamente como o corpo” (TACIANO *apud* REALE, 2005, p.41), ele volta a destacar a tripartição, onde é vista em Paulo e *Fédon*, que são o Corpo, a Alma, e o Espírito. “Aquilo que, em nós, é “imagem e semelhança” de Deus é o espírito bem superior a alma. É o espírito – e apenas ele – que torna o homem (que, por sua natureza, é mortal) imortal.” (TACIANO *apud* REALE, 2005, p.41) espírito é superior à alma, pela qual a graça de Deus é infundida na alma pela a remissão de seus pecados, todos tem alma, e corpo, a partir do momento que nasce, mas seu espírito será fundido quando receber a graça que Deus dá pelo batismo ou pela confissão.

Atenagora, em seu escrito defende os cristãos, acusados de ateísmo, ele tenta provar a unicidade da trindade.

O filho de Deus, que é mente (*nous*), é o primeiro rebento do Pai. Não que seja criado, porque desde o princípio Deus tinha em si o Logos, sendo eternamente conjugado ao Logos. O Filho e Logos, procedem do Pai a fim de ser “Ideia e atividade produtora” de todas as coisas. O Espírito Santo “flui de Deus (..) e ele de novo entra como raio de sol. (ATENAGORA *apud* REALE, 2005, p. 41)

Ele mostra em seus escritos essa relação do homem enquanto composto de corpo e alma, sendo o corpo mortal e a alma criada, ou melhor é imortal, dado que homem se completa na união do corpo com a alma, e isso não é quebrado nem depois da morte, assim ele abre porta para doutrina da ressurreição. O Homem nasceu para a eternidade, dotado em sua obra de um viés platônico, como já mencionado acima, na relação entre corpo e alma encontrado também em *Fédon*.

Outros grandes nomes que marcaram época foi Clemente e Orígenes, onde em Alexandria junto com Panteno (estoico), convertido ao cristianismo, criaram uma escola para catequese por volta de 180, com intuito de buscar a verdade, em sua totalidade e

esplendor. Clemente, chamado “Alexandrino” para distingui-lo homônimo “romano” (morto em 97 d C), no entanto o Alexandrino nasceu por volta de 150 d C, (em Atenas ou Alexandria), em seu encontro com Panteno foi decisivo para sua vida no qual virou seu aluno, colaborador e posteriormente seu sucessor.

Como já citado acima São Clemente é dos primeiros apologetas, sua carta mais famosa é escrita para Igreja aos Coríntios “[...] Clemente foi o iniciador arguto e feliz de uma escola que se propunha a defender e aprofundar a fé com o auxílio da filosofia” (REALE, 2005, p.43), com efeito Clemente não só queria combater a falsa gnose<sup>5</sup>, como mostrar a verdadeira gnose cristã pautada nos grandes filósofos.

Os partidários da gnose herética ensinavam a impossibilidade de uma reconciliação entre a ciência e a fé, nas quais viam dois elementos contraditórios. Clemente, porém, procura demonstrar sua harmonia. É a concordância da fé (*pistis*) com o conhecimento (*gnosis*) que faz o perfeito cristão e o verdadeiro gnóstico. A fé é o princípio e o fundamental da filosofia. Essa, por seu turno, é da máxima importância para o cristão desejoso de aprofundar o conceito de sua fé por meio da razão. (CLEMENTE *apud* REALE, 2005, p.43)

Ele sempre estará nessa constante inclinação para a união entre a fé e a ciência, “a fé permanece como um critério da ciência. E a ciência constitui um auxílio de caráter como que auxiliar para fé” (CLEMENTE *apud* REALE, 2005, p.44). Orígenes nasceu por volta de 185, em Alexandria. Seu pai Leônidas morreu mártir, testemunhando a fé de Cristo.

Orígenes, padre Grego, sua influência é demanda por grande parte dos conceitos Platônico, acreditava que o corpo não era mal em si, pois esse era responsável pela regeneração ou purificação da alma. Tanto que acreditava que era impossível o homem purificar sua alma vivendo só uma vez, ou seja, acreditava na “apocatástase”<sup>6</sup> onde

<sup>5</sup> Gnose significa "conhecimento" e designa a iluminação particular que algumas correntes religioso-filosóficas que consideravam possuir e que codificavam em determinadas fórmulas, ou imagens, ou conceitos. Os principais são os seguintes:

- 1) o conhecimento gnóstico se refere a Deus e a salvação ultraterrena, apresenta-se como doutrina secreta revelada por Cristo a poucos discípulos, e transcrita nos Evangelhos gnósticos;
- 2) a concepção do mundo dos Gnósticos é pessimista e é expressão da humanidade angustiada: ela, com efeito, vê o cosmos como reino do mal e considera a nossa permanência nele como um exílio;
- 3) os homens, conforme sua relato com a Gnose, distinguem-se em pneumáticos (os que mais participam do conhecimento e se destinam a salvação), hílicos (ou seja, ligados a terra e destinados a perdição) e psíquicos (abertos a uma ou outra destinação);
- 4) este mundo foi criado por um Demiurgo mau (o Deus do Antigo Testamento) e é resgatado por um Deus bom (Cristo);
- 5) a derivação da realidade cósmica e inteligível a partir da unidade primordial explica-se por via alegórica com a separação de casais de seres eternos (chamados "eons") em uma ordem bastante complicada, e por vezes fruto de fantasia. (REALE, 2005, p. 34).

<sup>6</sup> “apocatástase, Orígenes reelabora em chave cristã a doutrina de origem estoica da recapitulação final do cosmos. No fim tudo será exatamente igual ao princípio, e Deus será tudo em todos: essa concepção implica a redenção final de todas as criaturas também demônios condenados.” (REALE, 2005, p.46). Ou seja, esta

existiam vários mundos, onde a alma nasce e renasce para poder no fim purificar todos seus pecados cometidos. Portanto, acreditava na reencarnação da alma e que no fim todos tornar-se-iam bons, até os próprios demônios seriam remitidos de seus pecados. Sendo assim, Orígenes, como Platão, acreditavam na reencarnação da alma, que tudo correriam para bem de tudo e de todos.

Os Padres Gregos tiveram um papel significativo na recuperação da cultura grega, inserindo está nos princípios cristãos, assim, como Orígenes já citado acima, foram precursores na constante luta de recuperar a herança grega como parâmetros da filosofia cristã, tais realizadores foram: Gregório de Nissa (331-379), junto com seu irmão Basílio de Cesaréia (331-379), e Gregório Nazianzeno (330-390). Retomaram a herança grega com maior constância e consciência.

A esse propósito, escreve Werner Jaeger: Orígenes e Clemente moveram-se por esse caminho de altas reflexões, mas agora era preciso muito mais. Certamente, Orígenes dera a sua teologia à religião cristã no espírito da tradição filosófica grega, mas aquilo a que os Padres da Capadócia visavam em seu pensamento era uma *civilização cristã total*. E levavam para essa empresa contribuição de vasta cultura, que fica evidente em cada parte de seus escritos. Apesar de suas convicções religiosas, que se opunham a uma reconquista da religião grega, que naquela época era solicitada por forças poderosas do Estado (basta pensar nas tomadas de posição do imperador Juliano), não mantiveram oculto o seu alto apreço pela herança cultural da antiga Grécia (WERNER *apud* REALE, 2005, p.57).

Os Padres Capadócius, um pouco mais ousados que Orígenes, visavam a filosofia totalmente cristã, imbuída da cultura antiga grega. “Graças a sua obra, o cristianismo ergue-se agora como herdeira de tudo o que alcançar a luz do conhecimento de Deus’. A filosofia grega é útil, mas só se oportunamente purificada.” (REALE, 2005, p. 58).

Em Gregório de Nissa muitos de seus escritos que são difundidos na doutrina cristã, como fundamento dessa doutrina que abrange a elevação dos dogmas cristãos em matéria de moral e filosofia, em sua obra *A ascensão a Deus* vai mostrar uma “versão cristã da elevação a Deus platônica, na qual remoção daquilo que divide Deus.” (REALE, 2005, p. 58).

A divindade é pureza, libertação em relação as paixões e remoção de todo mal: se todas essas coisas estão em vós, então Deus está realmente em vós. Se o vosso pensamento está livre de todo mal, liberto das paixões, imune a todo impureza, então vós sois bem-aventurados, porque vedes claramente e porque, estando purificados, percebeis aquilo que é invisível para aqueles que não estão

---

doutrina foi condenada pela Igreja, pois nega a ressurreição de Cristo e seus ensinamentos tais como a doutrina do inferno que Ele mesmo cita várias vezes na *Bíblia* onde os sofrimentos dos condenados serão por toda eternidade.

purificados. E, uma vez removida dos olhos de vossa alma a obscuridade carnal, veres claramente a bem-aventurada visão. (REALE, 2005, p.58).

Logo, Deus está fora da criação, no entanto, somos semelhantes à sua imagem e participamos da sua natureza, a divindade é pureza porque nela não existe pecado, mas o homem tem pecado devido sua natureza decaída. Gregório nos adverte que para ser puro o homem precisa estar unido unicamente a Deus, do Ser advém toda a liberdade e pureza. O homem é livre de suas paixões quando é todo em Deus, e Deus todo nele. Quando há uma separação de Deus com o homem, isso ocorre do seu pecado, pois não pode conviver ao mesmo tempo a pureza e as paixões, a liberdade ao vício.

Outro grande nome que se destaca é Máximo, viveu em 579/580 a 662, e considerado junto com João Damasceno como a última grande voz original da Patrística grega. Máximo não é só importante pelo os aspectos filosóficos platônico que infunde na teologia cristã, mas também pelo os aspectos místico-ascético, sobre tudo no âmbito teológico, porque trabalha particularmente a Cristologia<sup>7</sup>.

Ele foi grande sobretudo pela batalha que travou com energia contra as últimas doutrinas que ameaçavam o dogma cristológico sancionado pelo Concílio de Calcedônia. Com efeito, haviam-se difundido doutrinas que sustentavam que, em Cristo, existe uma só energia (monoenergismo) e uma só vontade (monoteletismo) de natureza divina. Tratava-se de formas de cripto-monofisismo. Máximo as refutou, demonstrando, com eficácia e grande tenacidade, que em Cristo *há duas atividades e suas vontades: a divina e a humana*. E assim conseguiu levar à vitória a tese de Cristo *como verdadeiro Deus e verdadeiro homem*” (REALE, 2005, p.61).

Máximo em seu pensamento vai se deter na Cristologia, vai combater erros ou melhor heresias que serão condenadas pelo Concílio de Calcedônia, onde muitos afirmavam que Cristo era duas pessoas: a divina e a humana; e duas naturezas: a divina e a humana (Nestorianismo). Outra heresia que foi combatida foi o (monofisismo) que acreditava que Jesus era uma única pessoa, em duas naturezas, a humana e a divina, sendo que ambas as naturezas difundiam e tornavam um só, perdendo assim as propriedades de cada uma agir.

Em São João Damasceno, considerado como o último padre que encerra a Patrística, toda sua obra fora desenvolvida do século VIII, dando assim o fim do período da Patrística grega, combateu heresias, “Sua obra intitulada *Fonte do conhecimento*, subdividida em uma parte filosófica, uma sobre a história das heresias e outras teológico-doutrinaria, tornou-se ponto de referência por muito tempo” (REALE, 2005, p.62).

---

<sup>7</sup> Cristologia é o estudo dentro da teologia cristã que estuda sobre a natureza de Cristo a humana e a divina.

Ao contrário da maior parte dos Padres gregos, que haviam extraído os seus instrumentos conceituais de Platão e do Platonismo, João Damasceno se apoiou na filosofia de Aristóteles. No Oriente, gozou de autoridade que pode até mesmo ser comparada a usufruída por Santo Tomás no Ocidente (REALE, 2005, p.62).

Portanto, São João Damasceno, com sua grande influência que se seguiu nos séculos seguintes, é posto como o último padre da Patrística grega. Como grande parte de suas obras é apoiada em Aristóteles, diferentes dos seus antecessores que eram apoiados em Platão e neoplatônicos. Tendo em vista que sua obra intitulada *Deo fide orthodoxa*, traduzida por Burgúndio de Pisa, meados do século XII, será constituída como modelo para o sistema da escolástica.

## 1.1 PADRES LATINOS

Os Padres latinos anteriores a Santo Agostinho foram, no entanto, pouco atraídos pela filosofia grega, muitos enveredaram mais em questões teológicas e pastorais, não entrando muito em questões filosóficas. Os primeiros escritos em defesa dos cristãos foram de Otávio, de Minúcio Félix, este foi um advogado romano, que viveu no século II, escrevendo em forma de diálogo, Minúcio é bem averso à cultura grega, fazendo assim, vários ataques a filosofia dos clássicos.

E note-se bem que os filósofos afirmam as mesmas coisas em que cremos, não porque nós tenhamos seguido os passos deles, mas porque eles se deixaram guiar por leve centelha, que os iluminou com as pregações dos profetas sobre a divindade, inserindo um fragmento de verdade em seus sonhos. (MINÚCIO *apud* REALE, 2005, p.72).

Ou seja, pode-se perceber que ele vai continuar sua crítica contra os filósofos principalmente Sócrates, continua ele.

Que se vire, portanto, por sua conta *Sócrates, o palhaço de Atenas*, com sua confissão de não saber nada, e vanglorie-se com o atestado de um demônio mentiroso; e também Arcesilau, Carnéades e Pirro, com toda a turba dos acadêmicos, continuem sempre duvidando (...): nós não sabemos o que fazer com a teoria dos filósofos; sabemos muito bem que são mestres de corrupção, corruptos eles próprios, prepotentes e, além do mais, tão descarados que estão sempre a clamar contra aqueles vícios nos quais eles próprios se afundaram (MINÚCIO, *apud* REALE, 2005, p.72).

No entanto, veremos que não é só um padre latino que rejeita a filosofia grega, mas também muitos outros vão aderir esses aspectos anti-grego, talvez seja a possibilidade de mal entendimento da língua, como o próprio Agostinho terá dificuldade de aprender o grego, mas essa questão tão difícil será superada partir do momento que terá contado com as obras de Platão e posteriormente influenciará toda sua obra. No entanto, o fato de muitos dos padres latinos não entediam o grego, não necessariamente rejeitaram as influências vindas dos gregos antigos, até porque muito dos fundamentos do cristianismo já tinha sido descoberto pelos antigos filósofos gregos, a questão das virtudes elencada por Platão e Aristóteles serão constantes no desenvolvimento da própria moral cristã.

No entanto, uma figura se destaca nesse cenário antes de Agostinho é Santo Ambrósio, onde certamente foi dos principais influenciadores para a conversão de Agostinho ao cristianismo, nascido em 374 a 397, foi um bispo de Milão e grande orador e pastor erudito, teve influência dos estoicos e dos padre gregos, seus escritos foram fecundos na área de teologia como em exegese bíblica. Sua obra é fundamentada em quatro grupos, são elas:

Os escritos exegéticos que nascem, a maioria, das reelaborações de homilias e que se reportam em larga medida ao método de leitura da Bíblia proposto por Filon de Alexandria, e que consistia em aplicar de modo sistemático a alegoria filosófica. 2) As obras morais, entre as quais salienta-se o já citado *De officiis ministrorum*. 3) Os escritos dogmáticos, que frequentemente tem caráter polêmico contra as doutrinas heréticas. 4) As obras de características variadas como os hinos, os discursos e as cartas. (REALE, 2005, p.74)

Portanto, essas são suas principais obras que certamente tiveram bastante influência dos padres gregos e de filósofos antigos como neoplatonismos e Cicero. Assim, Agostinho é o auge do período patrística, vai combater erros doutrinários e deixará um vasto material da doutrina e ensinamentos que se seguiram na Igreja.

## 1.2 Santo Agostinho

Aurélio Agostinho nasceu em 354 em Tagaste, uma pequena cidade situada na Numídia África, seu pai Patrício era um pequeno proprietário de terra, durante muito tempo de sua vida foi pagão, convertendo-se ao catolicismo já pouco tempo antes de morrer. Contudo sua mãe desde sempre foi uma verdadeira cristã muito devota, Mônica

terá um papel determinante na conversão de seu filho, sempre ansiava para que seu filho se convertesse ao catolicismo, mas nunca era recompensada, pois seu Agostinho vivia uma verdadeira vida dissoluta, entrando para uma seita dos maniqueístas, sua mãe não o batiza quando criança por medo das grandes penitências que era imposta pela Igreja naquela época, Mônica achava que seu filho não conseguiria realizar tais purificações, por isso deixa para que Agostinho se batizasse quando fosse mais velho, no entanto, ela se arrepende dessa escolha no tardar da sua vida.

Sua família não tendo condições de bancar seus estudos, seu pai pede ajuda a um amigo para ajudá-lo nos estudos e manda-o para Cartago em 370 a 371 para estudar retórica. Sua formação cultural realizou-se totalmente em língua latina, estudando autores latinos. Agostinho estudou superficialmente o grego, mas não conseguiu dominá-lo, apesar dos esforços continuamente, foi uma das coisas pelas quais se torturava de não poder ter aprendido a língua grega. Para Santo Agostinho, Cícero foi um grande mestre retórico onde lhe mostrou o caminho da filosofia que até então desconhecia, começando assim a estudar os neoplatônicos, e assim percorrer na filosofia neoplatônica até se converter ao catolicismo onde seu pensamento vai se estruturar de acordo com a doutrina cristã.

Assim, em 374, Agostinho ensinou pela primeira vez em Tagaste, e depois em Cartago no ano de 375-383, teve dificuldade com os estudantes cartagineses onde a maioria não o pagava devidamente, isso o fez se transferir para Roma em 384. Com isso, no mesmo ano mudou-se para Milão com ajuda dos Maniqueus. Em Milão entre 384 a 386, Agostinho se aprofundou em suas reflexões espirituais com anseio de encontrar a verdade que tanto buscava, se demite do cargo de professor, retirou-se para Cassiniano na Britânia, para uma chácara onde passou a levar uma vida comum com seus amigos, mãe e filho. E em sua confissão com seu amigo Alípio relata como se deu sua conversão.

Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de repente, ouço uma voz vinda da casa vizinha. Parecia de um menino ou menina repetindo continuamente uma canção: “Toma e lê, toma e lê”. Mudei de semblante e comecei com a máxima atenção a observar-se tratava de alguma cantilena que as crianças gostam de repetir em seus jogos. Não me lembrava, porém, de tê-la ouvido antes. Reprimi o pranto e levantei-me. A única interpretação possível, para mim, era a de uma ordem divina para abrir o livro e ler as primeiras palavras que encontrasse. [...] Apresado, voltei ao lugar onde Alípio ficara sentado, pois, ao levantar-me, havia deixado aí o livro do Apóstolo. Peguei-o, abri e li em silêncio o primeiro capítulo sobre a qual caiu o meu olhar: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne”. Não quis ler mais, nem era necessário. Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da

dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza” (AGOSTINHO, 2018, p. 226-227).

No entanto, aqui é, onde Santo Agostinho relata como foi exatamente sua conversão ao catolicismo, lendo uma passagem da *Bíblia* em (Rom 13, 13). Saindo dali com seu amigo Alípio toma decisão de ser batizado. Seu batismo em 387, pelas mãos do Bispo de Milão, Santo Ambrósio, bispo esse que teve uma significativa importância para conversão de Agostinho. Voltando-se para África, no caminho em Óstia, morre sua mãe Mônica. No entanto, só no ano seguinte consegue ir para África em 388, não conseguira ir antes por causa da usurpação de Máximo ao poder naquela região, assim pensara que a viagem se tornaria perigosa. Esse governador perseguia os cristãos na África e arredores, tendo em vista isso Agostinho fica um ano sem poder voltar para casa.

Em 391, quando se encontrava em Hipona, foi ordenado sacerdote pelo bispo Valério, sob pressão dos fiéis. Em Hipona, ele ajudou Valério, sobretudo na pregação, e fundou um mosteiro, onde se reuniram velhos e fiéis amigos, aos quais se uniram novos adeptos. Em 395, foi consagrado bispo. E, no ano seguinte, com a morte de Valério, Agostinho tornou-se bispo titular. Na pequena cidade de Hipona, travou grandes batalhas contra cismáticos e heréticos, nela escrevendo também seus livros mais importantes. Daquela pequena localidade africana, com seu pensamento e sua obra tenaz, determinou uma reviravolta decisiva na história da Igreja e do pensamento do Ocidente. Morreu em 430, enquanto os vândalos sitiavam a cidade. (REALE, 2005, p.82).

Traçamos aqui um pequeno resumo de sua vida. Todas as fases que se sucederam tornaram-se decisivas para a formação espiritual e renovação no pensamento filosófico e teológico para a Igreja, onde Agostinho foi um dos seus principais nomes.

### **1.3 Suas obras**

Antes de sua conversão, Agostinho já era um orador de renome e filósofo bem recomendado em seu tempo, trabalhou em grande parte de sua vida ensinando retórica nos grandes palácios, sendo assim, tem-se um vasto compilado de suas obras que inclui cartas, sermões e livros que foram tomando proporções no decorrer dos tempos. Seu livro alto bibliográfico *Confissões* é até hoje um dos mais vendidos do mundo, nessa obra Agostinho faz uma narrativa de sua vida antes e durante sua conversão ao cristianismo, essa obra toca quem a lê pois coloca o leitor no lugar do próprio Agostinho em seu diálogo com Deus. No livro X, d’*As Confissões* Agostinho faz uma das mais belas citações da literatura cristã.

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme,

lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estava comigo, mas eu não estava contigo. Retinha-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saberei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz. (AGOSTINHO, 2018, p.295).

Uma de suas obras bastante importante para a teologia e a própria filosofia é o livro *Sobre o livre-arbítrio*, na qual tratará o problema do mal, onde é gerida o ponto da liberdade humana. Outra obra que tem um poder teológico muito grande é *A Trindade*, assunto esse que em muitos teólogos até hoje não compreendem sua complexidade, Agostinho vai tentar esclarecer e se debruça totalmente nesse assunto, tendo em vista posteriormente que o próprio desistiu de tentar explicar a *Trindade* devido ser tão complexo tentar compreender uma coisa que está para além da compressão humana. Como pode ser possível explicar uma coisa infinita que é a Santíssima Trindade, na compreensão do homem que é finito? De início Santo Agostinho não relevou isso de que o homem devido sua natureza finita não pode compreender quem é Deus, na sua totalidade infinita.<sup>8</sup>

Outra obra de grande envergadura é a *Cidade de Deus*, onde Agostinho mostra a cidade de Deus onde é dirigida por Deus das coisas espirituais e a Cidade dos Homens, onde consiste as coisas materiais da Terra, considerada assim uma das mais importantes obras de Santo Agostinho, escrita com mais mil páginas, vinte dois livros, em dois volumes, Santo Agostinho escreveu-a entre 413 e 426, para mostrar se possível a grandeza de Deus.

---

<sup>8</sup> Sendo assim, Agostinho tem um sonho onde ele caminha pela praia e encontra um menino cavando um buraco na areia e pega um pouco de água e vai colocando dentro do buraco, Agostinho vendo aquilo se aproxima e pergunta ao menino o que ele está fazendo. O menino (na qual depois Agostinho associa que seja o seu anjo da guarda), fala que estava colocando toda a água do mar dentro daquele buraco; Agostinho, porém fala que era impossível de o oceano caber dentro daquele pequeno buraco, no entanto, o menino vira e fala que seria mais impossível ele tentar entender o que era a Trindade, pois é impossível a Trindade caber dentro da cabeça humana. Apesar de não compreender ou explicar totalmente o que é a Trindade em sua forma real, Santo Agostinho escreve umas das mais belas obras já escritas por ele.

## 2. O CONCEITO DE VIRTUDE EM SANTO AGOSTINHO

A virtude aperfeiçoa o homem, coloca-o no caminho da reta razão, faz dele um bom escritor, um bom matemático, um bom artista, mas sobretudo leva-o a ser justo. De contrapartida o vício é um mau hábito, que gera o mau escritor, o mau matemático, o mau artista, levando-os a trilhar caminhos amargos e tristes, um caminho perverso sobretudo, contrariando, assim, a reta razão. Todo vício é um amor desregrado de si mesmo, um hábito egoísta que leva o homem para sua própria perdição. A busca do Sumo Bem e das virtudes, eleva o homem a Deus.

Assim, Santo Agostinho após a sua conversão, vai trazer em forma de diálogos seus primeiros escritos contendo os meios para se alcançar as virtudes, e assim chegar à perfeição da alma em Deus. Dessa forma, Santo Agostinho aborda em seu livro *Beata Vita* ou *Sobre a vida Feliz*, elementos para se ter uma vida feliz e conseqüentemente cultivar as virtudes necessária para união com o sumo Bem, que é Deus.

Sendo assim, quais os meios para ter uma vida feliz? Posso eu ser feliz? A felicidade consiste nas coisas que eu possuo? Essas são algumas das perguntas pelas quais se observa, desde os primórdios da humanidade, o entendimento do homem sobre o que é a existência e quais os verdadeiros meios para alcançar a felicidade. Obviamente, Santo Agostinho obteve influências gregas, especialmente a Platônica, em *Hortênsio*, livro de Cícero, Agostinho se dedicou à filosofia buscando a verdade das coisas. E em seus primeiros escritos filosóficos já tratava da busca da felicidade.

Certamente já se ouviu está expressão “você é feliz? Ou o que é a felicidade? São muitas perguntas para definir a felicidade. Onde encontrar, como encontrar? Segundo Santo Agostinho, em seu livro intitulado *Sobre a vida feliz*, ele nos mostra na forma de um diálogo com a sua família e amigos, como devemos proceder para alcançar uma vida feliz.

A felicidade é o objetivo que o ser humano almeja alcançar em seu mais alto grau, objetivo esse que constrange o homem a fazer as mais absurdas coisas para consegui-la. Para Santo Agostinho a felicidade é sinônimo de liberdade, ou seja, é verdadeiramente feliz aquele que se libertou das amarras das paixões e conseqüentemente dos vícios. Sinônimo de liberdade para os antigos gregos era o sábio que tudo fazia sem que nada o impedisse de viver, “Os vícios atacam-nos, e rodeiam-nos de todos os lados e não permitem que nos reergamos, nem que os olhos se voltem para discernir a verdade,

mantendo-os submersos, pregados às paixões.” (SÊNECA, 2007, p. 28). Como nos fala Sêneca, já muito antes de Agostinho, os vícios impedem do homem ser livre, isso sempre ocorreu na história, onde o louco é aquele que se deleita de suas paixões mais animais, sua vida não está encerrada nas sensações e no prazer, atribuindo a esses desejos uma “felicidade” boa e prazerosa, quando na verdade não passa de sensações passageiras, imbuído em suas paixões e assim o faz naufragar na busca pela felicidade. O sábio, por sua vez, é livre e feliz porque chegou na perfeição, mas para alcançar a liberdade e consequentemente ser feliz, é necessário trabalhar as virtudes que o impulsiona a um caminho seguro e eficaz.

Em seu livro *Contra os Acadêmicos*, em Cassiciaco Agostinho, reúne sua família e amigos para falar de assuntos filosóficos, nesse período escreve seus primeiros escritos em forma de diálogos, no caso esse livro *Contra os Acadêmicos* é o seu primeiro diálogo, onde trata de assuntos relacionados à Filosofia. Nesse primeiro escrito Agostinho debate a questão da felicidade, como o sujeito pode encontrar a felicidade, quais meios para alcançá-la. Nesse estão Licêncio e Trigécio, na qual ambos discutem como alcançar uma vida feliz. Licêncio, acredita que “Talvez viver feliz consiste em viver em busca da verdade.” (AGOSTINHO, 1988, p.26); Licêncio acredita que o homem para ser feliz basta estar à procura da verdade, mesmo que este não a encontre, o seu fim último que é contemplar a felicidade em sua perfeição, já que eles não acreditam que possamos ser felizes em sua totalidade, no caso só se vive uma parte destinada da alma que é contemplada pela razão. No entanto, Trigécio, acredita que para o homem ser feliz precisa estar na posse da verdade, ou seja, só o sábio pode o adquirir, e não simplesmente está à procura dela como afirma Licêncio.

Licêncio, por sua vez replica dizendo quem vive feliz é quem anda conforme o que a de melhor no homem? E Trigécio pede que o defina o que há de melhor no homem e Licêncio o faz.

Quem duvida, disse eu, de que haja outra coisa melhor no homem do que aquela parte da alma à qual deve obedecer a todo o resto do homem? Para que não peças nova definição, acrescento que esta parte da alma pode ser chamada de mente ou razão. Se discordas, vê como podes tu mesmo definir a vida feliz ou o que é o melhor no homem. (AGOSTINHO, 1988, p. 26)

Tal definição de que o homem é feliz, quando busca no seu intelecto o modo de viver conforme o que há de melhor no homem, que é a realização da justiça, na qual o contrário dela é o vício desenfreado, e isso ambos estão de acordo. No entanto, ambos continuam discordando do que se aplica à felicidade, Licêncio, continua afirmando que a

felicidade consiste na busca da verdade, fato pelo qual o homem que busca a verdade necessariamente é feliz. Contra-argumentando Trigécio, por sua vez, acredita que a felicidade consiste em ter encontrado a verdade e conseqüentemente é sábio, na qual o sábio é aquele que contempla a verdade em si. E não precisa mais procurar porque o já o tem.

Portanto, o homem não pode ser feliz. Como poderia sê-lo, se não pode conseguir o que tão ardentemente deseja? Mas não, o homem pode viver feliz, se pode viver segundo aquela parte da alma que deve dominar no homem. Portanto, pode encontrar a verdade. Ou então se recolha em si mesmo e renuncie ao desejo da verdade para que, não podendo alcançá-la, não seja necessariamente infeliz. (AGOSTINHO, 1988, p. 26)

Essa definição de Trigécio, consiste em que o homem não pode ser totalmente feliz dado a sua condição aqui na terra, ele será feliz só por uma parte que consiste na alma do homem, sua perfeição ocorrerá quando estiver unido a Deus e assim despojado totalmente do corpo e, portanto, não é perfeito em sua totalidade e conseqüentemente não é feliz. Licêncio, por sua vez fala que o homem pode contemplar formas que o faz feliz por meio da parte da alma que vem da razão, diz ele.

Mas justamente esta é a felicidade do homem: buscar perfeitamente a verdade. Isso é chegar ao fim, além do que não se pode passar. Portanto, quem busca a verdade com menos esforço do que deve, não alcança o fim do homem, mas quem se aplica à sua busca com todo o esforço possível e necessário, mesmo que não a encontre, é feliz, pois age totalmente segundo o fim para o qual nasceu. Se não o consegue, a falta vem da natureza, que não o permitiu. Finalmente, se todo homem é necessariamente feliz ou infeliz, não será loucura chamar infeliz aquele que dia e noite com todo o afincamento procura a verdade? Logo é feliz. Além disso, creio que a nossa definição confirma a minha opinião, pois se é feliz, como de fato é, quem vive segundo aquela parte da alma que deve governar as outras e esta parte se chama razão, pergunto: não vive segundo a razão quem com perfeição busca a verdade? Seria absurdo negá-lo. Por que, então, hesitaremos em afirmar que basta a busca da verdade para tornar o homem feliz? (AGOSTINHO, 1988, p. 29)

Portanto, como afirma Licêncio, a felicidade é encontrada na procura da verdade, mas essa verdade tem que ter a reta razão, ou seja, com intenção de encontrá-la nessa vida mesmo que não a encontre, pois, a sua perfeição se encontra na contemplação da alma com Deus. Daí continuam a discorrer sobre como obter uma vida feliz, uma pessoa que vive no erro não pode ser feliz, como trilhar o caminho da verdade se este está buscando o oposto? Quem caminha no erro nunca encontrará a verdade e não possuirá uma vida feliz. Ninguém discorda nisso, pois seria um absurdo o homem que vive no erro emaranhado de vícios e paixões contemplar a verdade.

A verdade para que seja livre do erro e conseguinte ser contemplada pelos que buscam, é por meio da sabedoria que estes a encontram, esses são os sábios, pois buscaram a verdade mesmo que não as encontrem, o fato de não desistirem os torna verdadeiramente felizes. Licêncio, em última definição contra Trígécio coloca para fechar a discussão, afirma “a sabedoria humana é a busca da verdade, da qual nasce, com a tranquilidade da alma, a felicidade da vida.” (AGOSTINHO, 1988, 36). E por fim, Agostinho depois de três etapas nessa discussão entre ambos, em que consiste a felicidade, chegar à coerência de Licêncio. E por sua vez Agostinho conclui dizendo “pois desejamos a felicidade. Quer esta consista em encontrar a verdade, quer em buscá-la diligentemente, devemos em todo caso, se quisermos ser felizes, fazer passar antes de tudo a busca da verdade.” (AGOSTINHO, 1988, 36). Na qual não basta ter a intenção de buscar a verdade, ou só desejar encontrá-la sem a diligência da reta razão, pois sem ela poderá cair no erro de perseverar até o seu fim, e não tendo essa reta diligência não encontrará a verdade e conseqüentemente ser feliz.

Portanto, no início desses diálogos Agostinho convoca seus amigos a darem suas definições sobre muitas coisas, e da felicidade não foi diferente, de início foram dois que responderam qual o meio pela qual se chegar a felicidade, debate esse que sempre houve entre os antigos filósofos e é discutida até nos dias atuais, muitos divergem de tais definições, mas em grande parte muitos concordam que a felicidade é contemplada na busca incessante da verdade, sendo seu principal ponto de entrada nessa busca as realizações das virtudes, pois o verdadeiro sábio é aquele que purga suas paixões e no exercício de encontrar a verdade e possuir vida feliz.

## 2.1 PARA SANTO AGOSTINHO A BUSCA DA VERDADE CONDUZ À FELICIDADE

A felicidade, assunto pelo qual é debatido até hoje, no decorrer da existência, o homem busca meios para ser feliz, na Grécia antiga os homens para obterem a felicidade cultivavam os cultos aos deuses olímpicos e aos mitos, indo de contra partida surge os primeiros filósofos gregos que determinaram que a felicidade se encontra na razão do homem, e que para obter uma vida feliz é necessário que sejam sábios, ou seja, que deixe suas paixões e vícios para assim encontrar a felicidade, pois a verdadeira felicidade está livre de todo vício, ou seja, o homem está livre de suas amarras e assim entrará no caminho para a felicidade. Passando por Platão, Aristóteles, Cícero, Epicuro entre outros, esse ideal de felicidade está basicamente na luta do homem contra seus vícios e paixões, conseguindo vencer tais vícios e abnegando de suas vontades encontrarão a chave para uma vida feliz.

Santo Agostinho por sua vez, não discorda dessas ideias dos antigos filósofos, ele apenas as introduz no contexto que vive o cristianismo, pois a verdade reside na alma do homem que procura Deus continuamente, assim em seu livro *Beata Vita (sobre a vida feliz)* ele vai discorrer em forma de diálogo sobre a questão da felicidade.

Agostinho vai dizer que “a alma necessita da inteligência das coisas e também de virtudes” na qual a alma precisa de alimento para sustentação da vida, por sua vez sua mãe Mônica diz que “não crio haver outro alimento para alma do que a inteligência das coisas e também a ciência” (AGOSTINHO, 2014 p.13). Assim, há um debate como o corpo necessita de alimento para sobreviver, a alma precisa de alimento também, isso se dá no exercício das virtudes que Santo Agostinho vai chamar de frugalidade. Contrariando aqueles que não comem desse alimento porque estão cheios de seus vícios, diz ele.

Creia-me, disse eu, que essas coisas para o espírito não passam de certa esterilidade e fome. Pois, do mesmo modo que o corpo, uma vez tendo-lhe sido suprido o alimento, via de regra acaba cheio de doenças e pruridos, que indicam nele uma fome aguda, do mesmo modo os espíritos daqueles estão repletos de doenças, devidas à sua falta de alimento. Assim, os antigos entenderam que essa devassidão deveria ser chamada de mãe de todos os vícios, pelo fato de ser vã, isto é, por ser a partir daquilo que nada é. A virtude contrária a esse vício se chamada de frugalidade. Essa palavra vem, pois de *frux (frugis)*, quer dizer, fruto, em virtude de certa fecundidade dos espíritos; assim como aquela provém da esterilidade, isto é, do nada (*nihil*) e por isso é chamada de devassidão (*nequitia*). (AGOSTINHO, 2014 p.13).

Assim, pois como o alimento tudo se desfaz e se perde, existe pessoas que são perdidas, no entanto, quando algo permanece se solidifica chamamos de virtudes, onde existira dois tipos de alimento para os espíritos: um saudável e necessário, e o outro podre e doentio.

Então, todos querem ser felizes? Segundo, Santo Agostinho sim, todos quererem ser felizes, diz ele “parece-vos, que é feliz aquele que não tem o que quer? Negaram. Mas então, é feliz aquele que tem aquilo que quer? Então, minha mãe disse: Se a pessoa quer coisas boas e as tem, então é feliz; mas se quer coisas más, muito embora as possua, é miserável”. (SANTO AGOSTINHO, 2014, p.15). Ou seja, embora busque o que quer, e sendo este possuidor de bens mesmo assim é miserável, não é feliz. Pois não possui o que quer, até porque quem procura algo, é porque ainda não as possui. Pois para Santo Agostinho “o que deve conseguir alcançar o homem feliz é poder ter aquilo que quer”. Ou seja, a união da alma com seu criador, o Sumo Bem, a Suma Beleza, Deus. Dado isso Agostinho afirma:

Atingiste, ó mãe, decididamente o ápice da filosofia, pois, sem sombra de dúvidas, só te faltaram as palavras de Cícero para poderes te expressar como ele, que falou a esse respeito. No *Hortênsio*, livro que ele descreveu sobre o louvor e a defesa da filosofia, disse o seguinte: ‘Eis que há pessoas que, mesmo não sendo filósofos, estão sempre prontos a disputar e debater, e todos eles afirmam serem felizes os que vivem de acordo com aquilo que querem. Isso, porém é falso, pois querer aquilo que não convém representa a suma miséria. É menos miserável aquele que não consegue alcançar o que não convém. Assim, a malícia da vontade gera mais males do que bem gerados pela fortuna’ (CÍCERO *apud* AGOSTINHO, 2014 p.16).

Todos ficaram admirados com essa definição de Mônica, no entanto, tais disposições acreditava Agostinho advinda da providência divina. Santo Agostinho, pergunta: “Concordais que todo aquele que não é feliz é um miserável? Todos consentiram. Portanto, disse todo aquele que não tem o que quer é miserável. Assim, ninguém duvidou dessa afirmação. No entanto, continua Agostinho em esclarecer em que consiste a felicidade” (AGOSTINHO, 2014, p. 16). E, conclui do seguinte modo:

Pois, na minha opinião, o que deve conseguir alcançar o homem feliz é poder ter aquilo que quer. Afirmaram que isso era algo evidente. Isso, disse eu, deve ser algo sempre permanente e que não depende da fortuna e do acaso. Isso porque não podemos ter quando queremos nem pelo tempo que queremos tudo que é perecível e mortal. (AGOSTINHO, 2014, p. 16).

Continuando o diálogo em que consiste a vida feliz, Trigésio, fala que em muitos casos têm pessoas que estão sujeitas ao acaso, mas que a fortuna traz consigo certo conforto e momentos agradáveis. No entanto, Agostinho retruca perguntando se a pessoa que teme parece feliz? Trigésio diz que não. Agostinho diz, “e, portanto, se alguém pode

vir a perder o que ama, pode por acaso não temer? Não pode disse Trígésio” (AGOSTINHO, 2014, p.17). Afirma Agostinho “Aqueles bens fortuitos, portanto, podem vir a ser perdidos. Quem os ama e possui, portanto, de modo algum poderá ser feliz” (AGOSTINHO, 2014, p.17). Portanto, em comprimento dessa afirmação Agostinho vai dizer que se acredita que alguém que busca ser feliz busca algo perene e sólido, onde não “podem ser roubado por algum tipo de acaso incontrolado” e, portanto, quem é feliz é aquele a quem tem a Deus por seu único bem.

Portanto, o ápice da vida feliz consiste em possuir a Deus como seu único bem, para isso é necessário que o homem esteja disposto a deixar tudo que impeça de alcançar esse bem. Então, Agostinho, fala para os seus que a felicidade consiste no homem possuir a Deus, mas como fazê-lo? Pergunta ele, Licêncio respondeu que “possui a Deus que vive bem, e Trígésio: possui a Deus, disse ele, quem faz aquilo que Deus quer que seja feito” (AGOSTINHO, 2014, p.17-18). Ou seja, seguindo seus mandamentos e obedecendo seus legítimos pastores, e por fim, afirma Adeodato, filho de Agostinho, o mais novo dentre os que participavam dos diálogos, disse: “possui a Deus aquele que não tem um espírito impuro (cf. Mt 5,8)” e a maioria concordara com essa afirmação.

Ou seja, para Santo Agostinho, ser feliz consiste na busca pela verdade, que também é a sabedoria e, por conseguinte, essa verdade consiste em possuir a Deus. Mas como chegar na posse de Deus? Para Agostinho, isso se dá no cumprimento dos mandamentos de Deus e no cumprimento de sua lei. E, portanto, mesmo que essa posse não seja contemplada em sua totalidade aqui na Terra, o Homem por graça divina pode viver uma felicidade constante e duradora até contemplação da beatitude. Ou seja, aqui nesse mundo a posse da felicidade não se dará por completo, porque as coisas desse mundo são caducas e inconstantes e Deus é absoluto, Agostinho acredita que nesse mundo o Homem terá uma imagem da felicidade, e que isso será contemplada na vida após a morte.

A felicidade, a sabedoria e a virtude, foram questões que no decorrer dos tempos filósofos se detiveram a dar suas respostas para quais o homem era questionado, e todos de forma diferente deram as suas definições. Para Santo Agostinho, questão pela qual aborda no início de seus escritos filosóficos, a felicidade é algo que é referente ao possuir a sabedoria que consiste na busca de Deus. Na qual o homem feliz é aquele que contempla a verdade na filosofia e possuindo-a vive de acordo com o bem. No entanto, Agostinho vai dizer em suas retratações que a felicidade consiste em o Homem possuir a Deus e mesmo que isso não ocorra totalmente no mundo material, pois Deus sendo infinito a

alma humana deseja o infinito. No entanto, para Agostinho, o que o Homem vive aqui é só uma pequena parcela de uma vida feliz, a sua totalidade consistirá na beatitude da alma com Deus.

Portanto, é lícita a busca e a vivência da felicidade, para Agostinho, que está inserida no cristianismo, a questão da felicidade se dá numa pequena vivência no mundo, ou seja, trabalhando para ter sua totalidade após a morte. Já, no entanto, esse ideal não condiz com maioria das pessoas que busca viver uma felicidade mesquinha e efêmera nesse mundo material, que com o tempo perece e fica caduco. Quem, como Agostinho, busca viver a felicidade em Deus que é permanente e imutável, este vivencia uma vida feliz, mas essa felicidade se consistira verdadeiramente na posse de Deus na beatitude do Paraíso.

### 3 O PROBLEMA DO MAL NO LIVRE-ARBÍTRIO E A VIRTUDE

A respeito da origem do mal muitos se questionam no decorrer dos séculos como se deu a sua origem e quem é o seu autor. Santo Agostinho em seu livro intitulado *Sobre o livre-arbítrio*; vai discorrer em forma de dialogo como seu amigo Evódio o problema do mal e quem é o possível seu autor. Evódio pergunta “Deus pode ser o autor do mal”? Agostinho responde: qual mal te referes? Porque existe dois tipos de mal que geralmente se dá, que é: “um, quando dizemos que alguém fez o mal; outro, quando afirmamos que alguém sofreu um algum tipo de mal” (AGOSTINHO, 2019, p.17).

Sendo Deus bom e dele não pode haver contradição, que recompensa os bons e pune os maus. Pois afirmar que dele pode vim o mal isso seria uma blasfêmia, assim pontua Santo Agostinho, ele mostra que a punição para os maus advém das suas escolhas más, e que Deus permite que estes sofram o mal pela qual escolheram. Ou seja, o mal que sofrem é não chegar na sua finalidade que é agir bem, quem escolhe agir mal não está caminhando para sua finalidade e por isso sofrem os castigos de que lhes são devidos.

E segundo Santo Agostinho, Deus é o autor do segundo mal que permite as penas que são afligidas pelos que escolheram agir mal. Deste modo, Ele não é de modo algum autor do primeiro mal, pois isto consiste na escolha de cada um, agir bem ou agir mal. A concupiscência é origem do mal, que envolve o homem em seus pecados e os afasta de Deus. Santo Agostinho pergunta a Evódio se existe diferença entre a concupiscência e o medo e este responde que sim. Que existe muita diferença entre ambas afirma ele. Santo Agostinho responde:

Penso que sejas dessa opinião porque a concupiscência procura algo, e o medo foge dele” [...] Pois bem! Se um homem mata outro, não pelo desejo de conseguir algum bem, se não pelo temo de que lhe suceda algum mal, caso não seria este um homicida? Responde Evódio certamente o séria! Mas não seria por esta razão que este ato deixaria de ser dominado pela concupiscência, porque o homem por medo mata outro torna evidente que deseja viver sem temor (AGOSTINHO, 2019 p.23).

Santo Agostinho vai dizer que a concupiscência é a causa primeira do pecado, ele cita o homicídio, onde quem mata por medo deseja viver sem temor. Ou seja, viver sem medo. Ele vai dizer que não é um desejo culpável, pois se fosse o caso todo que desejasse o bem seria culpado. Pois afirma Santo Agostinho que existe homicídio que não tem o desejo de fazer o mal. Que nem todos os casos de homicídio é causado pela concupiscência. “pois em outras palavras, é possível existir algum homicídio que pode não ser considerado pecado” (AGOSTINHO, 2019, p.24) Ou seja, o agir em legítima

defesa, porque existe a legítima defesa que é um bem, quem mata para salvar a própria vida está agindo bem, por isso o homicídio não pode ser considerado um mal quando não é feito de forma concupiscível, por mais que não se usa o termo homicídio quem usa da legítima defesa. O homicídio vem do desejo mal que o homem cultiva em seu coração, tudo que tem um fim mau é um pecado e todo pecado é gerado pela livre vontade da razão.

Santo Agostinho vai falar que nada pode submeter a razão às paixões, dado que o ser humano é senhorio da mente. Embora muitas vezes dado as constantes quedas aos pecados que homem comete, mesmo que as vezes este não a exerça tal domínio. Santo Agostinho questiona se a paixão é mais poderosa do que a mente, sendo que foi dado pela lei eterna o domínio de todas as paixões. Ele fala que não faria sentido uma faculdade inferior ser maior e ter domínio sobre a faculdade superior, ou seja, sendo a paixão um faculdade inferior é improvável esta dominar a mente. “julgo necessário que a mente seja mais poderosa que o apetite desordenado, e isto pelo fato mesmo de que o domina com razão e justiça” (AGOSTINHO, 2019, p.38).

De modo que a virtude é preferível ao vício, quando mais sublime e inabalável for a virtude mais difícil será envolvê-la nos vícios. Assim, para o autor qualquer espírito é melhor e mais poderoso de que qualquer corpo. Onde é no espírito o sinônimo da razão chamada também mente.

Se tudo o que é igual ou superior à mente, exercendo o senhorio natural e dotado de virtude, não pode fazer esta mente escrava das paixões, porque sua justiça o impede, de igual modo tudo o que lhe é inferior tampouco pode consegui-lo, por causa de sua mesma inferioridade, como demonstrando pelo que antes deixemos firmemente estabelecido. Segue-se que nenhuma outra coisa faz a mente cúmplice das paixões senão a própria vontade e livre-arbítrio. (AGOSTINHO, 2019, p.39).

Assim, Santo Agostinho fala quando a mente é dominada pelas paixões e consequentemente as virtudes é privada de ser exercida pela mente, o homem torna-se miserável e indigente. Onde este no grau dos seus vícios e erros toma a mentira como verdade, e a verdade como mentira? Colocando em caminhos incertos que até certo ponto trilhá-la o caminho reto, onde tudo isso pode levá-lo a sua perdição? Como bem explica Santo Agostinho que as paixões exercem um poder tirânico e cruel. Deixando o homem profundamente perturbado tirando seu senso de humor e levando-o ao extremo ao outro. De um grande temor a Deus, a uma angústia mortal, uma vã alegria que aos poucos vai destruindo por dentro. Assim fala Santo Agostinho que a alma levada as suas paixões correm o risco profundamente de ser arrastada com ela para o abismo que ela se encontra.

Portanto, o que leva o homem a ter tais atitudes que no fim poderá levá-lo a sua própria destruição? Deus não fez o homem dotado de sabedoria e tudo para que este possa ser feliz? Por que homem cai em tantas misérias? Evódio fala “este homem, por sua própria vontade, se precipitou daí às misérias desta vida mortal!” (AGOSTINHO, 2019, p.41) assim o que leva o homem a cometer tais ações é devido a sua vontade, pois é na vontade que reside o ato de fazer o bem ou fazer o mal. Isso vem do livre arbítrio que nos foi dado por Deus. Mas o que é a boa vontade que Santo Agostinho se refere? Ele vai dizer que é tudo que o homem se propõe a fazer o certo.

É à vontade pela qual desejamos viver reta e honestamente e chegar à sabedoria mais elevada. Considera agora se não desejas uma vida na retidão e honestidade, ou se não tens veementes desejos de ser sábio, ou se te atreves a negar que temos boa vontade quando queremos estas coisas. [...] Diz-me: o quanto aprecia esta vontade? Parece-te porventura, que possamos ser comparadas com elas as riquezas, a honra, os prazeres do corpo ou todas estas coisas juntos? Deus me livre de semelhante loucura! (AGOSTINHO, 2019, p42)

Como aponta o autor que difere a boa vontade, da má vontade, é as formas de suas escolhas, onde quem busca a honestidade, a sabedoria mais profunda este está gozando de vontade livre e reta. Quem busca as honras para si, prazeres do corpo, estes por sua vez gozam de vergonhosos atos que os levam as prisões da má vontade que são os pecados por excelência. Tais atos vergonhosos não impedem de ser realizados porque a má vontade se fecha para a verdade das coisas criadas. Onde a boa vontade consiste em fazer as coisas retas, e que levam a conhecer a verdade das coisas e de Deus.

O conhecimento das virtudes e a realização delas é o que leva o homem a ser feliz, ou a não realização desta pode o levar a sua destruição. A prudência é a virtude que leva o homem ao conhecimento das coisas e por sua vez a evitar as coisas que lhes poderão prejudicar. A temperança é a virtude que acalma os impulsos onde refreia as paixões desordenadas. Santo Agostinho fala o que mais existe de oposto da boa vontade do que a concupiscência? Ela freia os impulsos das paixões, que a boa vontade trabalha e por isso se chama temperança. E a justiça é ordem que coloca as coisas no seu devido lugar, correspondente à boa vontade, que vem do amor pelas as coisas retas e louváveis.

Para Santo Agostinho, o problema do mal está na escolha tomada erroneamente do livre arbítrio. Ou seja, quando o homem age de modo a buscar a satisfazer seus próprios desejos desordenados, ele está agindo de modo mal, pois a finalidade de Deus ter deixado o livre-arbítrio para o homem é fazer o bem e assim o amá-lo. Mas quando homem escolhe agir mal, este terá consequências vindas do mau uso do livre-arbítrio.

Pois quando o homem busca agir de forma desordenada, deixa ser vencido pelas suas próprias paixões e assim terá o castigo vindo da parte de Deus. Onde Deus pune os perversos e dá glória aos bem aventurados. Pois a prova mais sublime do amor de Deus para com o homem foi ter-nos dado o livre arbítrio. Onde é pelo livre-arbítrio que o homem pode ser preenchido dos elevados dons de Deus e por sua vez o homem pode amá-lo de volta.

Pois bem, assim como aponta Santo Agostinho, existe a lei eterna e a lei temporal, onde a lei eterna se sobressai à lei temporal, onde existe quem busca a lei eterna e há quem busque a lei temporal. Onde quem busca as coisas eternas, este é mais feliz. Onde é na vontade o fator determinante do agir bem e do agir mal. “que está na vontade de cada um a causa do que escolher e fazer, que pode depor a mente do trono de seu reino e afastá-la da justa ordem” (AGOSTINHO, 2019, p.53), ou seja, quem decide fazer as coisas boas ou ruins é a vontade que é o fio condutor para tal ação.

Nós havíamos proposto a questão do que é agir mal; é sobre isto a que se refere tudo o que temos dito. Consequentemente, agora convém considerar com atenção se o agir mal não consiste em outra coisa senão desprezar os bens eternos – das quais goza a mente por si mesma e por si mesma os percebe, e que não os pode perder se os ama – e em procurar, pelo contrário, como coisa grande e admirável, os bens temporais, dos quais gozamos pelo corpo, a parte mais vil do homem, da qual nunca podemos estar seguros. A mim parece que todas as más ações, quer dizer, todos os pecados, podem reduzir-se só a esta categoria. (AGOSTINHO, 2019, p.54).

Santo Agostinho, junto com seu amigo Evódio, dizem que todo pecado vem do fato de o homem se afastar das coisas divinas e permanentes, para se entregarem nas mais vil e desprezíveis coisas incertas contida na natureza. “próprio de uma alma perversa e desordenada fazer-se escrava na busca daqueles bens sobre as quais a justiça deu ordem para administrá-las segundo seu beneplácito.” (AGOSTINHO, 2019, p.54), ou seja, deu ordem para fazer-se as coisas nobres que lhes foram estabelecidas desde a sua criação.

Bom, mas a pergunta é, por que Deus nos deu o livre-arbítrio se com ele podemos pecar? Não seria mais fácil ele não ter nos dado o livre-arbítrio e assim não haveria pecado? Essa questão Evódio pergunta a Santo Agostinho, este por sua vez o responde como se vê a seguinte:

Evódio – explica-me agora, se é possível, por que Deus deu ao homem o livre-arbítrio da vontade, uma vez que, se não o tivéssemos recebido, não poderíamos pecar. Agostinho – tens já conhecimento certo o fato de Deus ter dado ao homem algo que, segundo supões, não deveria ter-lhe sido dado? Evódio – pelo que me parece ter compreendido no livro anterior, possuímos o livre-arbítrio da vontade, e é dele que nos vem a capacidade de pecar. Agostinho – também me recordo de que chegamos a esta conclusão categórica. Mas agora te pergunto é se sabes que foi Deus quem nos deu esta liberdade que possuímos, e da qual nos vem a capacidade de pecar. Evódio – penso que

ninguém senão Ele, porque dele procedemos, e assim, seja quando pecamos, seja quando procedemos bem, é dele que merecemos a punição ou o prêmio. Agostinho – o que também desejo saber é se compreendes bem o último ponto. Ou se crês de bom grado, fundado no argumento da autoridade, mesmo que de fato não o entendas. Evódio – sobre esta questão, devo confessar que primeiramente confiei na autoridade. No entanto, pode haver algo mais verdadeiro do que o fato de tudo proceder de Deus, e que tão justo punir os pecadores como premiar os que procedem bem? Conclui-se daqui que Deus aflige os pecadores com a desgraça e recompensa os bons com a felicidade (AGOSTINHO, 2019, p.57).

O debate vai se seguindo onde Santo Agostinho pergunta a Evódio se ele sabe que viemos de Deus, pois ele não explicou por que o pecado vem de Deus, mas que dele merecemos a pena ou o prêmio. Evódio, por sua vez, dá a resposta que Agostinho tinha lhe feito.

Isto vejo ser evidente, uma vez que já sabemos que Deus pune os pecadores. Com efeito, toda justiça procede de Deus, porque assim como é próprio da bondade fazer o bem aos estranhos, não é, em contrapartida, próprio da justiça puni-los. Daí conclui claramente que nós lhes pertencemos, uma vez que não somente é pródigo em fazer-nos bem, mas também justíssimo em puni-los. Além de que, como já antes o disse e tu concordaste, todo bem procede de Deus. Disto pode-se facilmente entender que também o homem procede de Deus, posto que o homem mesmo, enquanto homem, é um bem, pois pode viver retamente sempre que quiser (AGOSTINHO, 2019, p.57).

Pois bem, aqui como afirma Evódio, procedemos de Deus e por isso é um bem, “dado que o homem em si é um bem, e não pode agir retamente senão quando quer”, como afirma Santo Agostinho, onde conseqüentemente usa o livre-arbítrio, porque sem ele não poderia agir de forma correta. “E não porque o livre-arbítrio, seja a origem do pecado, pois cremos que Deus nos deu a vontade livre não para pecar. Há, pois, uma razão suficiente para nos ter sido dada: sem ela o homem não poderia viver retamente” (AGOSTINHO, 2019, p.58), assim, foi nos dada para que possamos compreender que Deus pune todos aqueles que usam do livre-arbítrio para pecar.

Seria injusta esta punição se o livre-arbítrio nos fosse dado não apenas para vivermos com retidão, mas também para pecar. Com efeito, como poderia ser castigado aquele que usou de sua vontade livre para fazer aquilo para qual lhe foi dada? Desta forma, quando Deus pune o pecador, o que te parece que lhes diz senão estas palavras: “Por que não usaste do livre-arbítrio para fazer aquilo para o qual te foi dado, ou seja, para fazer o bem” (AGOSTINHO, 2019, p.58).

Assim, como fala Santo Agostinho, o livre-arbítrio nos foi dado para o bem, haja vista que Deus pune os que fazem o mal e premia os bons, porque se não houvesse livre-arbítrio da vontade seria injusto a punição dada aqueles que fazem o mal e o prêmio dado aos que fazem o bem. “Mas necessariamente deve haver justiça, seja em punir, seja em premiar, porque este é um dos bens que procedem de Deus. Logo, era preciso que Deus dotasse o homem de livre-arbítrio” (AGOSTINHO, 2019, p.58), assim, o livre-arbítrio é

um bem que nos foi dado, onde é por meio dele que podemos amar a Deus com a nossa livre vontade e assim ganhar o prêmio dos bem aventurados.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que o problema do mal no livre-arbítrio foi dado ao homem devido à sua própria vontade, ou seja, Deus não deu ao homem à vontade para o mal, isso é devido à própria inclinação do homem ao pecado, tudo isso vem da vontade-livre que o homem tem. Bom, não seria mais viável Deus não ter dado ao homem o livre-arbítrio pois assim não pecaria? Não! Se Deus não tivesse dado ao homem o livre-arbítrio, o homem não amaria a Deus verdadeiramente e livre. Pois só com a liberdade que podemos amar não só a Deus como as próprias criaturas existentes no mundo.

Como já citado acima, o mal vem da própria escolha do homem de o fazê-lo, dado a sua liberdade de escolha. O livre-arbítrio é um bem que Deus deu ao homem, um bem que em sua dimensão é maravilhoso, onde podemos escolher o que queremos e não ser obrigados a nada, lógico que terá uma recompensa dada aos que escolheram o bem e o castigo dado aos que escolherem fazer o mal. Bom, mas por que o homem faz o mal sabendo que vai receber o castigo de seus atos? Santo Agostinho fala que o homem não enxerga a verdade devido a cegueira dos vícios. Os vícios fazem com que o homem cometa os mais terríveis males.

A vontade como fala Santo Agostinho é um bem comum e imutável dos maiores bens que o homem possui, algo intermediário que os leva a Deus. Mas a vontade que separa do bem comum, é uma vontade voltada para si mesmo, um bem inferior que os leva ao pecado.

Desta forma, o homem soberbo, curioso e lascivo entra em outro modo de vivência, que, comparando com a vida superior, melhor o chamaríamos morte do que vida. Contudo, a providência de Deus rege e governa, põe cada coisa no seu lugar correspondente e distribui a cada um segundo seus méritos (AGOSTINHO, 2019, p.115).

Assim, quando o homem volta sua vontade para bens inferiores e mutáveis, na qual gozam dos prazeres que passam, tudo isso, é parcial de culpa. Santo Agostinho fala que, “o mal consiste em sua aversão ao bem imutável e em sua conversão aos bens mutáveis: a esta aversão e conversão, como não age obrigada, mas voluntariamente, segue-se a digna e justa punição da infelicidade” (AGOSTINHO, 2019, p.115). Assim, fica claro o porquê dos castigos para os que voltam à vontade para as coisas que passam, ou seja, os bens mutáveis, e a felicidade dos que colocam sua vontade nas coisas superiores e imutáveis.

## REFERÊNCIAS

REALE, Giovane; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: patrística e escolástica**. v.2. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Editora Paulus, 1984. – Coleção Espiritualidade.

AGOSTINHO, Santo. **Sobre A Vida Feliz**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

AGOSTINHO, Santo. **Contra os acadêmicos**. In. B. ALTANER; A. STUIBER. **Patrologia**. Tradução de Bento Silva Santos. São Paulo: Editora Paulus, 1988.

SÊNECA, **Sobre a brevidade da vida**. Tradução do latim de Lúcia Sá Rebello *et al.* Porto Alegre: L&PM, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Sobre o livre-arbítrio**. Tradução de Nelson Dias Corrêa. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2019.